PICO DELLA MIRANDOLA E A NATUREZA HUMANA

Valério Rohden

A definição do homem pela liberdade é em geral referida a Hegel, Sartre e outros filósofos do nosso tempo. Na realidade, essa concepção já se acha presente, de maneira explícita, no filósofo do Renascimento italiano Giovanni Pico della Mirandola. Examinaremos essa concepção, partindo de um confronto do seu pensamento com o humanismo, para nos determos, a seguir, na sua nova idéia do homem e concluir com algumas considerações sobre a originalidade do seu pensamento e sua relação com a filosofia moderna.

I

Pico della Mirandola (1463-1494), nos seus poucos anos de existência, deixou diversas obras significativas, desde a monografia *Sobre o ente e o uno*, em que expõe o seu pensamento metafísico, de inspiração platônica; o *Heptaplo*, que consiste numa interpretação filosófica do I capítulo do *Gênesis*, sobre a criação do mundo; a *Disputa contra os astrólogos*, onde afirma que a existência humana se forma pela educação e pela vontade pessoal; e a oração *Sobre a dignidade do homem*,¹ em que realiza a sua nova determinação da essência do homem.

Foi discípulo do platônico Marsílio Ficino, que escrevera uma obra *Theologia platonica*, sobre a dignidade do homem e a imortalidade da alma. Ficino vira no platonismo uma preparação da doutrina de Cristo e em Sócrates morte análoga à de Cristo. Concebeu, contra os averroístas, uma alma individual, cuja natureza definiu como síntese do universo, decorrendo a imortalidade desse mesmo fato, que a alma, compreendendo o universo, o transcendia.

1 : GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA, *De hominis dignitate, Heptaplus, De ente et uno e scriptis variis* a cura di Eugenio Garin, Firenze, Vallecchi, 1942, 2 vols.

Pico herdou de Ficino a orientação platônica, enriquecendo-a e aproximando-a depois a Aristóteles. Sua filosofia apresenta-se, inicialmente, como estudo direto de Platão, que, num segundo momento tenta uma unificação de platonismo e aristotelismo, de filosofia e religião, de cabala e cristianismo. Todas as coisas possuem entidade, unidade, verdade, bondade, mas Deus é ente, uno, verdadeiro, bondade, de modo perfeitíssimo e simples. Os entes finitos participam dessas qualidades em Deus. O ideal de reduzir à unidade toda a realidade e todas as doutrinas revela, além daquele conceito de homem de que iremos ocupar-nos, uma dimensão humanista em seu pensamento, enquanto uma das características do humanismo consistiu na compreensão unitária do *logos* humano e do *logos* divino, da sabedoria e da fé, como o confirma Giuseppe Toffanin em sua *História do humanismo*; ² autor que, no entanto, paradoxalmente, foi incapaz de observar esse aspecto em Pico e o situou entre os anti-humanistas, pelas suas críticas à retórica.

Segundo Toffanin, quando a unidade do *logos* se rompe e ao homem divino passa a opor-se o homem-natureza, o humanismo entra em crise. "Os grandes humanistas italianos – observa – têm muitos pontos ideais de contato com os apologistas do II século. Também para Justino Mártir, para Clemente de Alexandria e para Atenágoras, se havia estabelecido como pacificadora e unificadora, entre as verdades fornecidas pela Revelação e as verdades transmitidas pela sabedoria, a idéia do *bem* de Platão, do *nous* de Aristóteles e do *logos* cristão". ³ *Logos* significa tudo o que é verdadeiro, grande, belo e necessário para a vida moral do homem. Não foi criado pela razão humana, mas esta pertence a ele. Daí a afirmação de Justino, na II Apologia, que "os que viveram com o *logos* são cristãos, mesmo que tenham vivido entre os ateus, como por exemplo entre os gregos, Sócrates, Heráclito e outros semelhantes." ⁴ Marsilio Ficino, por sua vez, sempre tomou a palavra razão no sentido platônico de "entidade religiosa". O humanismo do Renascimento constitui uma revolta da razão-*logos* contra a razão-natural dos filósofos árabes-aristotélicos-cosmológicos do século XIII. Para ele, a sabedoria se

achava entre o pecado e a graça, entre a razão do homem e Deus, e por isso ocupava o lugar nos templos e unia pagãos e cristãos. Se o humanismo como atividade intelectual e literária restringiu-se às côrtes e à burguesia, na medida em que se ligou à vida de piedade alcançou as camadas do povo, unindo este e aqueles. A certeza da unidade do *logos*, como essência do humanismo europeu, teve o seu ponto de irradiação nas igrejas.

Nicolau de Cusa, inspirado pela idéia da unidade do *logos*, viu a razão grega como portadora das mais elevadas mensagens espirituais; e assim, não logrando explicar claramente a sua conciliação com o cristianismo, definiu-a como "concordantia oppositorum." Tomás Morus, por outro lado, o humanista da Inglaterra – que viu em Pico uma alma fraterna e escreveu a sua biografia – ouvindo com admiração, dos descobridores de novos continentes, que nessas regiões longínquas, os indígenas expressavam também palavras carregadas de verdade, admitiu que a sabedoria ou a razão não nos tinha vindo através de gregos e romanos, mas fôsse propriedade de todos os homens. "De volta do outro lado do oceano, finalmente descoberto, os navegadores referiam coisas estranhas e profundas palavras daqueles selvagens; e já na embrionária Europa se alargava a suspeita de que o *logos* não tivesse descido do céu à terra através da ponte greco-romana, mas que tivesse nascido no homem por si só, sob todos os céus, sem latim, sem grego e, talvez, sem Deus." ⁵ A facilidade com que eles assimilavam a religião cristã, os costumes europeus, veio corroborar a idéia humanista da unidade do *logos*. E assim o cristianismo, que encontrou acolhida em toda a parte, aboliu a guerra e o militarismo, porque Deus (e a razão) não tem pátria, e no lugar desta instaurou o universal. É por isso que, com o surgimento do Estado moderno e da razão de estado, o humanismo morre.

Pico teria, segundo Toffanin, alterado a fisionomia do humanismo, quando, pretendendo alargar-lhe a perenidade, uniu-lhe a cabala. Na realidade, em nosso filósofo, a unidade humanista do *logos* continua presente. Para ele, a filosofia, como meditação da morte e como sabedoria humana, consiste num noviciado dialético para as

² - Cf. G. TOFFANIN, *Historia del humanismo*, B. Aires, Editorial Nova, p. 8.

³ - G. TOFFANIN, op. cit. p. 385.

⁴ - G. TOFFANIN, op. cit. p. 386.

⁵ - Cf. A *utopia*, in G. TOFFANIN, op. cit. p. 408.

coisas sagradas e num caminho para a glória celeste. Se nos detivermos numa sua interpretação do *Gênesis*, descobriremos ocultas, nessa revelação de Deus a Moisés, segundo Pico, tôdas as verdades da filosofia, que a razão humana pensou através dos séculos. "Nestes dias – observa no proêmio ao *Heptaplo* ("sobre a septiforme narração dos seis dias do *Gênesis*") – ocorreu-me de me ocupar longamente da criação do mundo e da famosa obra dos seis dias, e se apresentam a mim sérios motivos para julgar que nela estejam contidos todos os segredos da natureza".⁶ E concluí, observando que essa página da Sagrada Escritura é a verdadeira imagem do mundo, que foi imposta a Moisés esboçar assim como tinha visto. "Pico acreditava verdadeiramente – disse Eugenio Garin, um dos principais estudiosos dêle na Itália e editor das suas obras – que os textos da cabala conservassem a outra revelação, misteriosa e secreta, para os iniciados, através da qual não só fôsse possível conquistar a chave da realidade, mas também encontrar o método para reduzir à unidade tôdas as fés, tôdas as doutrinas, tôdas as linguagens do Senhor. O método cabalístico teria resolvido, de acôrdo com êle, qualquer problema e esgotado qualquer investigação. Se tudo é palavra de Deus; se são letras do Senhor os astros do céu e os elementos, os fenômenos da vida e as vozes da natureza, os sentidos dos homens e os seus conceitos; se as várias religiões são o modo pelo qual os vários povos têm traduzido o único apêlo divino; quem alcançar o alfabeto de Deus, na coincidência de letras e números, encontrará não somente a raiz unitária das coisas e, por conseguinte, a ciência universal, mas o fundamento da concórdia entre as várias religiões e entre as várias filosofias".⁷ A cabala consistiria na verdadeira interpretação da Lei de Moisés, exposta de forma sintética e velada no *Gênesis*. Enquanto a Lei de Deus fôra escrita e exposta a todos, dignos e indignos, no Livro Sagrado – o verdadeiro sentido e a correta interpretação da mesma transmitiam-se, hereditariamente de pai para pai do povo hebreu, até ser reunida em setenta volumes pelos principais sábios de Israel, para que não viesse a perder-se com a dispersão do povo eleito. Sômente os sábios mantiveram acesso a

6 - G. PICO DELLA MIRANDOLA, *Heptaplo*, Firenze, Vallardi, 1943, p. 171.

7 - E. GARIN, *Giovanni Pico della Mirandola*, conferência comemorativa do V Centenário do nascimento de Pico, em 24-2-63, Comitato per le celebrazioni centenario in onore di Giovanni Pico, MCMLXIII, p. 33.

essas obras. Eis porque Pico delas se serviu para estabelecer a relação efetiva entre sabedoria humana e Verdade divina sôbre o mundo. Com pouquíssimas palavras, o *Gênesis* expressou a verdade mais profunda sôbre tôdas as coisas e sôbre cada uma em particular. Foi, por conseguinte, fruto de uma inteligência superior, que com poucas noções, ao contrário do discurso humano, tudo compreende. A linguagem do primeiro capítulo é tôda ela simbólica. A disposição do discurso é tal, que "palavras, contexto, ordem, convêm plenamente em reconhecer os segredos de todos os mundos e de tôda a natureza".⁸

O Livro Sagrado não usa as mesmas palavras da nossa filosofia, mas fornece o sentido concreto e o princípio destas. Às formas das coisas êle chamou simplesmente luz, às disposições materiais chamou água. Em vez de matéria, êle usou o termo terra, em vez de causa agente, céu. Como a matéria só aparece quando atuada pela forma, assim a terra surgiu depois de ter sido criada a luz. A alma do homem é dita céu, o qual era também chamado por Aristóteles animal automovente; e o corpo é expresso pela palavra terra. O nome homem provém, conseqüentemente, do fato de ter sido forjado com o *humus*. O que conecta a alma celeste e o corpo terreno é o espírito. E o homem, então, como síntese de alma e corpo, é concebido por Pico como espírito.

II

Passaremos, com isso, a uma explicitação maior da sua idéia do homem, ainda no *Heptaplo* e depois na *Oração*, onde se encontra a sua contribuição mais original neste sentido. Os seres dividem-se em três grandes regiões: 1) Supraceleste, com Deus e os anjos; 2) celeste, dos astros animados e das esferas; 3) terrestre, dos corpos, dos seres materiais e do movimento. O homem não pertence a nenhum dos mundos mencionados. Êle forma um mundo à parte, entre o celeste e o terrestre, e nêle se encontram tôdas as coisas presentes nos outros três. Por essa razão êle recebe, no Evangelho, o nome de tôdas as coisas. "O homem é um microcosmo, em que o corpo é misto dos elementos, em que se encontram o espírito

8 - *Heptaplo*, p. 223.

celeste, a alma vegetal das plantas, o sentido dos brutos, a razão, a mente angélica e a imagem de Deus.”⁹ Deus criou-o à sua imagem, com um *logos* divino-humano, diverso de tudo, síntese de tudo, pequeno mundo com domínio sobre os peixes, os pássaros, os animais, répteis e toda a terra. Dêste modo ele é, conforme o Timeo, o supremo e primeiro de todos os seres, em que a natureza corruptível suspende o seu curso e se recolhe. Por um lado, o homem é síntese suprema de todos os seres inferiores e, por outro, Cristo é a síntese suprema de todos os homens. Dêle provêm todas as perfeições e todo o bem para o homem. Deus e o homem unem-se no *Logos* que é Cristo, e todas as coisas se recolhem em Deus através do *logos* humano.

Como microcosmo, o homem acha-se colocado no meio do universo como extremo de dois mundos: como fim do mundo elementar e começo do incorpóreo. A percepção dessa ilimitação e sublimidade do nosso ser levou Platão a exclamar, no *Alcibiades*, citado por Pico: “O homem – de fato – não é esta frágil aparência terrena, mas é a alma, a inteligência, que supera toda a amplidão do céu e todo o curso do tempo”.¹⁰

A originalidade da sua concepção da natureza humana não reside, porém, nesta determinação do homem como microcosmo, centro do universo, meio termo entre o céu e a terra. A sua originalidade e modernidade residem na sua compreensão do ser humano como liberdade, como ser que se faz a partir da própria escolha do que ele quiser ser, como não possuindo uma natureza prefixada.

Para o pensamento clássico e tradicional, o homem possuía uma natureza precisa, com determinados fins a realizar: *Persona* – diz S. Tomás de Aquino *est rationalis naturae individua substantia*.¹¹ E natureza aí significa aquilo que nasce – geração dos seres vivos – princípio do movimento naquilo em que é por si e não por acidente – e, por fim, princípio intrínseco de qualquer movimento. Enquanto dinamismo com vista a um fim, realização de um fim, movimento para uma forma que realiza a essência da coisa, a natureza chama-se também essência. Portanto, nessa concepção do

homem como essência racional, o homem não tinha, propriamente, a liberdade de determinar o seu fim; tinha liberdade para escolher entre diversos bens e de escolher o seu próprio bem ou rejeitá-lo.

No pensamento contemporâneo, se torna presente esta concepção de que o homem não possui uma essência a realizar, ele é primeiro existência, cuja essência consiste na liberdade: “O que têm de comum (os existencialistas cristãos e ateus) é simplesmente o fato de admitirem que a existência precede a essência, ou, se se quiser, que temos de partir da subjetividade”. Ou então: “O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer.”¹²

Para Pico della Mirandola, surpreendentemente, (com quem Sartre revela uma íntima relação) só as coisas possuem natureza, com leis rígidas e um destino prefixado. O homem, a diferença das coisas, não possui natureza. Para ele Deus não estabeleceu uma forma prévia, para que ele mesmo escolhesse a sua forma, segundo o seu engenho e a sua liberdade. O homem é o que ele se faz. A sua história é o produto da sua decisão, da sua subjetividade. E torna-se, por isso, ainda maior aos seus olhos, porque já não será apenas medida de todas as coisas como senhor do mundo, mas medida e princípio da sua própria verdade de ser.

O homem tem um sentido – um sentido metafísico de compreensão do ser: “...Conduzida a obra a seu termo, o Artífice desejava que existisse alguém capaz de captar a razão de uma obra tão grande, de amar a sua beleza, de admirar a sua vastidão. Por isso, concluído já o todo, como atestam Moisés e Timeo, pensou por último em produzir o homem.”¹³ Não o criou, no entanto, sob inspiração de nenhum modelo já existente, não o pôs em um lugar vazio, entre as coisas: “Estabeleceu finalmente o ótimo Artífice que aquele ao qual nada podia dar de próprio fôsse comum tudo o que tinha concedido singularmente aos outros. Por isso acolheu o homem como obra de natureza indefinida e, uma vez colocado no coração do mundo, assim lhe falou: “Não te dei, ó Adão, nem um lugar determinado, nem um aspeto próprio, nem qualquer prerrogativa tua, para que o lugar, o aspeto, as prerrogativas que tu desejares,

9 - *Heptaplo*, p. 193.

10 - I, 124 ab, in *Heptaplo*, p. 243.

11 - “Persona é uma substância individual, de natureza racional”, *Summa Theologiae*, I, q. 29, a. 1. A definição é de Boécio.

12 - J. P. SARTRE, *O existencialismo é um humanismo*, Porto, Presença, 1963, p. 179.

13 - G. PICO DELLA MIRANDOLA, *De hominis dignitate*, Firenze, Valleschi, 1942, p. 108.

os obtenhas e conserves segundo o teu voto e o teu conselho. A natureza limitada dos outros está contida dentro de leis por mim prescritas. Tu determinarás a tua, não constrangido por nenhuma barreira, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo, para que de lá melhor descortinasses tudo o que nêle existe. Não te fiz nem celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, para que por ti mesmo qual livre e soberano artífice te plasmasses e te esculpisses na forma que tivesses escolhido. Poderás degenerar nas coisas inferiores que são os brutos; poderás, segundo a tua vontade, regenerar-te nas coisas superiores que são divinas.”¹⁴

O homem é o mais afortunado de todos os seres, porque não tendo recebido nada determinado, recebeu a liberdade como máximo dom com a qual êle obtém o que deseja, é aquilo que quiser ser.

A grande diferença entre as concepções de Pico e Sartre – que convêm em que o homem não possui natureza, mas se faz a partir da sua decisão livre – é que, enquanto para Sartre a liberdade do homem exclui a existência de Deus, para Pico ela a requer. Kierkegaard, numa página de excepcional profundidade e lucidez, foi talvez quem melhor expressou essa concepção do filósofo do Renascimento. Escreveu êle, no *Diário*: “A onipotência de Deus é idêntica à sua bondade. Porque a bondade consiste no dar completamente, mas de tal modo que no retomar-se a si mesmo de forma onipotente, se torna independente aquêle que recebe. Tôda potência finita cria dependentes; somente a onipotência pode tornar independentes, pode produzir do nada aquilo que tem em si consistência, pelo fato que a onipotência sempre retoma a si mesma. A onipotência não permanece ligada pela relação a outra coisa, porque não há aí nada de outro ao qual ela se relacione: não, ela pode dar, sem perder o mínimo da sua potência, isto é, pode tornar independentes. Eis em que consiste o mistério pelo qual a onipotência não somente é capaz de produzir a coisa mais imponente de tôdas (a totalidade do mundo visível), mas também a coisa mais frágil de tôdas (isto é, uma natureza independente com respeito à onipotência).”¹⁵

III

Hegel, na sua *Introdução à História da Filosofia*, afirma que “o fato de o homem ser livre em si e por si, na sua essência e como homem nascido livre, era desconhecido por Platão não menos que por Aristóteles, por Cícero e pelos legisladores romanos, embora este conceito seja a fonte do direito romano”.¹⁶ Para os gregos e romanos, alguns homens eram livres, outros escravos, por fatores externos de nascimento, condição e cultura. O Cristianismo foi quem pela primeira vez afirmou a igual dignidade de todos os homens perante Deus, e fez, assim, todos igualmente livres, independentemente de qualquer circunstância externa. “A consciência, se bem que não completamente clara, deste princípio foi uma força ativa durante séculos e milênios, e uma energia impulsiva que suscitou as mais tremendas revoluções; mas o conceito e o conhecimento de o homem ser, por natureza, livre, esta ciência de si próprio não é antiga.”¹⁷ Por conseguinte, a partir do Cristianismo e por meio dêle todos os homens tornam-se livres, sem consideração de raça, classe ou côr.

Mas só a partir de Hegel a posse da liberdade vai passar a depender da consciência dessa mesma liberdade. Todo homem é livre por uma disposição natural. Mas enquanto êle não sabe que é livre, êle não o é, e contenta-se com a condição de escravo, como aconteceu na Grécia e em Roma. O ser de cada indivíduo (e o ser em geral) se conquista pelo desenvolvimento. Êle tem de evoluir do seu em si, como potência, capacidade, ao seu por si como ato. Sobre essas diferenças de desenvolvimento e, por conseguinte, de liberdade, se funda o complexo da história do mundo. “Só no ato em que o homem devém por si aquilo que em si é, isto é, a razão por si, é que o homem tem atualidade naquele determinado aspeto e é racional, quer dizer chega efetivamente à razão por si”.¹⁸ Explicando-se a razão formalmente como liberdade, o homem só

16 - G. W. HEGEL, *Introdução à História da Filosofia*, trad. de Antonio Pinto de Carvalho, Coimbra, A. Amado, 1961, p. 94.

17 - Idem, p. 98.

18 - G. W. HEGEL, op. cit., p. 61.

14 - *De hominis dignitate*, p. 105-107.

15 - S. KIERKEGAARD, *Diário*, 1846, VII A 181, trad. italiana de E. Fabro, Morcelliana, 1948, p. 290 (3.ª ed. 1962).

alcançará a sua liberdade quando se identificar com a sua razão, através do movimento da exteriorização como consciência objetiva e recuperação de si.

O Renascimento como exteriorização e culto da forma, teria constituído uma objetivação aniquiladora da pessoa, se o ideal da forma, o aspeto estético do humano, não se tivessem relacionado com o conceito de personalidade individual plena, expressão de uma vida bela, que no exercício físico encontrava o seu acabamento. Realmente, no Renascimento descobrimos a primeira manifestação da subjetividade moderna pela afirmação do indivíduo contra o geral e contra o Estado e, enfim, pela conciliação de exterior e interior. Podemos dizer que a expressão máxima dessa interioridade do Renascimento se acha em Pico della Mirandola. Pico foi o primeiro filósofo que concebeu o homem como liberdade. Ele foi, portanto, pela primeira vez, essa consciência do homem como ser livre, que justifica toda essa afirmação do indivíduo no Renascimento. Podemos agora talvez entender porque Eugenio Garin denominou a oração *Sobre a dignidade do homem* de "manifesto do Renascimento".¹⁹

Carlos Astrada, interpretando Burckhardt, observa que "o Renascimento italiano faz do homem um indivíduo espiritual e consciente de si mesmo. A individualidade e a autonomia do homem são posições conquistadas, pois, pelo Renascimento".²⁰ O humanismo do Renascimento caracterizou-se por um duplo aspeto: pelo culto da antiguidade e por um novo ideal do homem. "A palavra humanismo se liga um duplo conceito. Em primeiro lugar, a idéia e o preceito de uma formação espiritual, que busca o humano como seu conteúdo e sua finalidade. E, podemos dizer, como idéia do homem. Por outra parte, se liga a ela, em um sentido especial, uma determinada direção do estudo, da indagação... a que crê encontrar e apropriar-se desse ideal do homem... na antiguidade greco-romana."²¹ Os humanistas foram admiradores da cultura clássica, que se entregaram ao afã de localizar, colecionar, reproduzir

manuscritos antigos, procurando-os através da Itália, França e mesmo Grécia. Essa dedicação permitiu que muitos autores gregos tenham chegado até nós. O movimento humanista não consistiu, no entanto, numa volta pura e simples ao passado – o que não teria sentido. Mas esse renascimento da classicidade greco-romana foi animado pelo desejo de ver, através de um contato direto com os textos e grandes autores, e já não através da escolástica e da filosofia árabe, o que eles possuíam de próprio e de original.

De que maneira a visão renascentista do espírito clássico pôde contribuir para o advento do mundo moderno? A volta às fontes ocultava um espírito novo, com implicações e fatores diversos, como: a invenção da imprensa, que favoreceu a difusão dos escritos e incentivou a livre investigação científica e o espírito criador; a libertação da tutela da filosofia escolástica; a concepção exclusivamente sobrenaturalista do homem medieval, à qual veio contrapor-se a afirmação terrena do homem como ser livre, consciente de si e senhor da natureza; a redução do homem a espécie abstrata, gênero, raça, corporação, família... Contra esse desvirtuamento da individualidade do homem, se afirmou o homem autônomo do Renascimento. "A proclamação da dignidade do homem – observa Walter Peter, com relação a Pico della Mirandola – era um contrapêso à tendência incessante e crescente na Idade Média de denegrir a natureza humana, de sacrificar este ou aquele elemento dela, de fazê-la envergonhar-se de si mesma, de pôr sempre em evidência suas necessidades degradantes e dolorosas. Esta proclamação da dignidade humana impulsionou o homem pelo caminho de uma nova segurança em si mesmo, de uma reabilitação da sua natureza, do corpo e dos sentidos, como do coração e do espírito, coisas todas levadas a cabo, enfim, pelo Renascimento".²²

O Renascimento preparou a irrupção da subjetividade do espírito moderno, pela exaltação da liberdade humana, não só como essência geral do homem, mas em todos os campos concretos da atividade, pela defesa do livre exame, da livre investigação, pelo respeito a qualquer opinião ou doutrina, ideal ou convicção.

A concepção renascentista e terrena do homem de modo algum se opõe ao Cristianismo como tal, mas apenas a uma visão mutilada

19 - E. GARIN, Introdução à Edição Nacional das obras de Pico della Mirandola, *De hominis dignitate*, etc., Firenze, Vallecchi, 1942, p. 23.

20 - C. ASTRADA, *Humanismo y dialectica de la libertad*, B. Aires, Sudalo, 1960, p. 25.

21 - K. BURDACH, *Reformation, Renaissance, Humanismus*, Berlin-Leipzig, Pustel, 1926, 2.ª ed., p. 91-92, (in C. ASTRADA, op. cit., p. 23).

22 - In C. ASTRADA, op. cit., p. 25.

da sua natureza. A afirmação do espírito subjetivo, espírito científico e espírito criador, a dominação da natureza, proporcionaram ao homem a consciência do seu ser terreno como centro do universo e da sua verdade temporal como livre autoformação. Esta concepção, que mais freqüentemente se interpretou como simples passagem do mundo medieval cristão para um individualismo antropocêntrico, tem ao contrário a significação de fazer emergir sobre a natureza inteira o homem como espírito, que a submete a si e a compreende. "Uma interpretação anticristã de um Leonardo da Vinci, de um Albert Dürer, de um Miguel Ângelo, significaria uma violência ao sentido dessas obras – que só se compreendem, escreve Hans Urs von Balthasar, se se vir nelas o microcosmo, o homem tornar-se o centro e a medida da natureza." ²³ O comportamento completo do homem só surge a partir da convergência da natureza em torno dele e da sua livre emergência sobre ela. Neste sentido, o humanismo do Renascimento é, através da sua cultura e, especialmente, através do pensamento de Pico della Mirandola, o ponto de partida da afirmação do homem moderno.

A P Ê N D I C E

GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA

Sobre a dignidade do homem (Introdução)

"Li nos escritos dos árabes, Padres veneráveis, que Abdalla Saraceno, indagado sobre que se manifestava a êle como sumamente admirável nesta cena do mundo, respondeu que nada divisava mais esplêndido do que o homem. E com esta sentença concorda o célebre dito de Hermes: "Grande milagre, ó Asclépio, é o homem!"

"Ora, enquanto investigava o sentido dessas sentenças, não me satisfaziam os argumentos que em grande número são trazidos

por muitos sobre a grandeza da natureza humana: ser o homem vínculo das criaturas, familiar às superiores, soberano das inferiores; intérprete da natureza pela perspicácia dos sentidos, pela investigação da razão, pela luz do intelecto, intermédio entre o tempo e a eternidade e, como dizem os persas, cúpula, ou antes himeneu do mundo pouco inferior aos anjos, segundo o testemunho de Davi. Grandes são, certamente, tôdas essas coisas, mas não as mais importantes para quem possa arrogar-se o privilégio de uma admiração sem limites. Por que, na verdade, não admirar mais os anjos e os beatíssimos coros do céu?

"Mas finalmente me pareceu ter compreendido por que o homem é o mais feliz dos seres animados e digno por isso de toda admiração e qual seja a sorte, que, lhe tendo cabido na ordem universal, é invejável não só para os brutos, mas inclusive para os astros e para os espíritos supramundanos. Incrível e admirável! E como poderia ser de outro modo, se justamente por ela o homem vem a ser afirmado e considerado um grande milagre e um maravilhoso ser animado?

"Mas de que sorte se trate, ouvi atentos, ó Padres, pela vossa cortesia, a êste meu discurso.

"Já havia o sumo Pai, Deus Criador, forjado segundo as leis de uma arcana sabedoria esta habitação do mundo, como ela nos aparece, qual templo augustíssimo da divindade. Tinha ornado com as inteligências a região supraceleste, tinha vivificado com almas eternas os globos etéreos, tinha povoado com uma infinidade de animais de cada espécie as partes vis e torpes do mundo inferior. E, conduzida a obra a seu termo, como atestam Moisés e Timeo, pensou por último em produzir o homem. Não restava, porém, nenhum arquétipo sobre o qual formar a nova criatura, nem tesouro algum para conceder de herança ao nôvo filho, nem um lugar, entre todos do mundo, sobre o qual assentasse êsse contemplador do universo. Todos já se achavam repletos, todos haviam sido distribuídos entre os supremos, médios e ínfimos graus. Contudo, não teria sido digno da paterna potestade portar-se de maneira inferior, quase impotente, na última obra; da sua sabedoria permanecer incerto, em uma obra necessária, por falta de conselho; do seu benéfico amor, que aquêle que era destinado a louvar nos outros a divina

liberalidade fôsse constrangido a censurá-la em si mesmo. Estabeleceu finalmente o ótimo Artífice que aquêlo ao qual nada podia dar de próprio fôsse comum tudo o que tinha concedido singularmente aos outros. Por isso acolheu o homem como obra de natureza indefinida e, uma vez colocado no coração do mundo, assim lhe falou: "Não te dei, ó Adão, nem um lugar determinado, nem um aspeto próprio, nem qualquer prerrogativa tua, para que o lugar, o aspeto, as prerrogativas que tu desejares, os obtenhas e conserves segundo o teu voto e o teu conselho. A natureza limitada dos outros está contida dentro de leis por mim prescritas. Tu determinaste a tua, não constrangido por nenhuma barreira, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo, para que de lá melhor descortinasses tudo o que nêle existe. Não te fiz nem celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, para que por ti mesmo qual livre e soberano artífice te plasmasses e te esculpisses na forma que tivesses escolhido. Poderás degenerar nas coisas inferiores que são os brutos; poderás, segundo a tua vontade, regenerar-te nas coisas superiores que são divinas".

"Ó suprema liberalidade de Deus Pai! Ó suprema e admirável felicidade do homem, a quem é concedido obter o que deseja, ser aquilo que quiser. Os brutos, ao nascerem, trazem consigo no seio materno, tudo o que terão. Os espíritos supernos ou desde o início ou pouco depois foram o que serão nos séculos dos séculos. No homem nascente, o Pai depositou sementes de toda espécie e germens de toda vida. E de acôrdo como cada um os tiver cultivado, crescerão e darão nêle os seus frutos. E se forem vegetais, êle será planta; se sensíveis, será bruto; se racionais, se tornará animal celeste; se intelectuais, será anjo e filho de Deus. Mas, se, não contente com a sorte de nenhuma criatura, se recolher no centro da sua unidade, feito um só espírito com Deus, na solitária caligem do Pai, aquêlo que foi posto sôbre todas as coisas estará sôbre todas as coisas."

(Traduzido do italiano por V. Rohden)